

II. Escolhendo um mestre espiritual

O que é um guru?

Quando ouvimos a palavra “guru”, temos a tendência a visualizar uma imagem caricaturesca: um velhinho de aparência bizarra, barba longa e vestes esvoaçantes, meditando sobre verdades distantes e esotéricas. Ou então, pensamos em um sábio cósmico trocando por dinheiro a credulidade espiritual de jovens buscadores. Mas o que é realmente um guru? O que ele sabe que nós não sabemos? Como ele nos ilumina? Em palestra dada na Inglaterra em 1973, Śrīla Prabhupāda nos dá algumas respostas esclarecedoras.

“Nasci na mais obscura ignorância, mas meu mestre espiritual abriu os meus olhos com o archote do conhecimento. Ofereço-lhe minhas respeitadas reverências”.

A palavra *ajñāna* quer dizer ignorância, ou escuridão. Se todas as luzes deste aposento se apagassem de repente, não seríamos capazes de dizer onde estamos sentados nem onde as demais pessoas estão sentadas. Tudo ficaria confuso. De modo semelhante, encontramos-nos todos na escuridão nesse mundo material, que é um mundo de *tamas*. *Tamas*, ou *timira*, quer dizer escuridão. Este mundo material é escuro, e por isso necessita da luz do sol ou da lua para se iluminar. Contudo, existe um outro mundo, um mundo espiritual, que está além desta escuridão. Śrī Kṛṣṇa descreve este mundo no *Bhagavad-gītā* (15.6):

“Esta Minha morada não é iluminada nem pelo sol nem pela lua, tampouco pela eletricidade. Alguém que chegue até ela jamais regressa a este mundo material”.

A missão do guru é trazer seus discípulos da escuridão para a luz. Atualmente todos sofrem por causa da ignorância, da mesma forma que, por ignorância, pessoas contraem doenças. Alguém que não conheça os princípios de higiene não sabe o que poderá contaminá-lo. Assim, devido à ignorância, temos infecções e sofremos de doenças. Pode ser que um criminoso diga: “Eu não tinha conhecimento da lei”, mas por isso ele não será perdoado se cometer um crime. A ignorância não é uma desculpa. De modo semelhante, uma criança, sem saber que o fogo queima, toca no fogo. O fogo não pensa: “Ela é uma criança e não sabe que eu queimo”. Não, não há desculpa. Assim como o Estado tem as leis, a natureza também tem leis estritas, as quais atuarão mesmo que as ignoremos. Se, por ignorância, fizermos algo errado, teremos de sofrer. Esta é a lei. Quer seja uma lei do Estado, quer seja uma lei da natureza, correremos o risco de sofrer se as transgredimos.

A missão do *guru* é cuidar para que nenhum ser humano sofra neste mundo material. Ninguém pode afirmar que não está sofrendo. Isto não é possível. Neste mundo material, há três tipos de sofrimento: *adhyātmika*, *adhibhautika* e *adhidaivika*. São misérias que surgem do corpo material e da mente material, de outras entidades vivas e das forças da natureza. Talvez padecemos de angústia mental, ou talvez padecemos por causa de outras entidades vivas — como, por exemplo, formigas, mosquitos ou moscas — ou talvez sofremos por causa de algum poder superior. Pode ser que não chova ou que haja enchente. Podemos sofrer de calor excessivo ou de frio excessivo. A natureza impõe muitos tipos de sofrimento. Assim no mundo material há três tipos de misérias, e todos sofrem com uma, duas ou três dessas misérias. Não há ninguém que possa dizer que está completamente livre de sofrimento.

Podemos então perguntar *por que* a entidade viva está sofrendo. A resposta é: por ignorância. Não pensamos: “Estou cometendo erros e levando uma vida pecaminosa; por isso é que estou sofrendo”. Por conseguinte, o primeiro dever do *guru* é resgatar seu discípulo dessa ignorância. Mandamos nossos filhos para a escola a fim de poupar-lhes sofrimentos. Se nossos filhos não recebem uma educação, tememos que venham a sofrer no futuro. O *guru* vê que a causa do sofrimento é a ignorância, a qual é comparada à escuridão. Como é que se pode salvar uma pessoa na escuridão? Com a luz. O *guru* toma o archote do conhecimento e o apresenta perante a entidade viva envolta na escuridão. Este conhecimento a alivia dos sofrimentos da obscura ignorância.

Pode alguém perguntar se o *guru* é absolutamente necessário. Os *Vedas* mandam que busquemos um *guru*; na realidade, eles dizem que busquemos o *guru* não apenas um *guru*. Só há um *guru* porque este chega até nós por intermédio da sucessão discipular. O que Vyāsadeva e Kṛṣṇa ensinaram há 5.000 anos atrás também está sendo ensinado agora. Não há diferença entre as duas instruções. Apesar de centenas de milhares de *ācāryas* terem ido e vindo, a mensagem é a mesma. O *guru* verdadeiro não pode ser dois, porque o *guru* verdadeiro não fala de modo diferente que seus predecessores. Alguns mestres espirituais dizem: “Na minha opinião, você deve fazer isto”. Mas isto não é um *guru*. Esses pseudo-*gurus* não passam de meros patifes. O *guru* genuíno tem apenas uma opinião, que é a opinião expressa por Kṛṣṇa, Vyāsadeva, Nārada, Arjuna, Śrī Caitanya Mahāprabhu e os *Gosvāmīs*. Há cinco mil anos o Senhor Śrī Kṛṣṇa falou o *Bhagavad-gītā*, o qual foi registrado por Vyāsadeva. Śrīla Vyāsadeva não disse: “Esta é minha opinião”. Pelo contrário, ele escreveu: *śrī bhagavān uvāca*, isto é: “a Suprema Personalidade de Deus diz”. Tudo que Vyāsadeva escreveu foi proferido originalmente pela Suprema Personalidade de Deus. Śrīla Vyāsadeva não deu sua opinião própria.

Conseqüentemente, Śrīla Vyāsadeva é um *guru*. Ele não interpreta mal as palavras de Kṛṣṇa, senão que as transmite exatamente como foram proferidas. Quando mandamos um telegrama, a pessoa que passa o telegrama não tem de corrigi-lo, redatá-lo nem adicionar nada a ele. Ela simplesmente o transmite. Esta é a função do *guru*. Pode ser que o *guru* seja esta pessoa ou aquela, mas a mensagem é a mesma; é por isso que se diz que só há um *guru*.

Na sucessão discipular encontramos uma simples repetição do mesmo assunto. No *Bhagavad-gītā* (9.34) Śrī Kṛṣṇa diz: “Ocupa sempre tua mente em pensar em Mim, torna-te Meu devoto, oferece-Me reverências e adora-Me. Se te absorveres

completamente em Mim, não há dúvida de que virás a Mim”. Estas mesmas instruções foram reiteradas por todos os *ācāryas* — Rāmānujācārya, Madhvācārya e Caitanya Mahāprabhu. Os seis Gosvāmīs também transmitiram a mesma mensagem, sendo que nós simplesmente seguimos-lhes os passos. Não há diferença. Não interpretamos as palavras de Kṛṣṇa, dizendo: “Na minha opinião, o Campo de Batalha de Kurukṣetra representa o corpo humano”. Quem dá interpretações como essa são os patifes. Há muitos *gurus* patifes no mundo que dão sua própria opinião, mas nós podemos desafiar qualquer patife. Um *guru* patife pode dizer: “Eu sou Deus”, ou então: “Todos nós somos Deus”. Muito bem, mas devemos procurar no dicionário o que quer dizer a palavra “Deus”. De modo geral um dicionário nos dirá que a palavra “Deus” indica o Ser Supremo. Assim, podemos perguntar a um desses *gurus*: “Você é o Ser Supremo?” Se ele não conseguir compreender isto, devemos então dizer-lhe o que significa Supremo. Qualquer dicionário há de nos informar que Supremo quer dizer “autoridade máxima”. Poderemos então perguntar: “Você é a autoridade máxima?” Um *guru* patife desse tipo, mesmo que proclame ser Deus, não poderá responder a essa pergunta. Deus é o Ser Supremo e a autoridade máxima. Ninguém é igual a Ele nem superior a Ele. Contudo, há muitos *gurus*-deuses, muitos patifes que alegam ser o Supremo. Tais patifes não podem nos ajudar a escapar da escuridão da existência material. Eles não podem iluminar nossa escuridão com o archote do conhecimento espiritual.

O *guru* autêntico vai simplesmente apresentar o que o *guru* supremo, Deus, diz na escritura autêntica. Um *guru* não pode alterar a mensagem da sucessão discipular.

Temos que compreender que não somos capazes de fazer investigações para encontrar a Verdade Absoluta. O próprio Caitanya Mahāprabhu dizia: “Meu Guru Mahārāja considerava-me um grande tolo”. Uma pessoa que se mantém como um grande tolo perante seu *guru* é ela mesma um *guru*. Entretanto, uma pessoa que diga: “Eu sou tão avançado que posso falar melhor que meu *guru*” não passa de um patife. No *Bhagavad-gītā* (4.2), Śrī Kṛṣṇa diz: “Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na dessa maneira. Porém, com o decorrer do tempo rompeu-se a sucessão, e por isso parece que a ciência como ela é está perdida”.

Aceitar um *guru* não é simplesmente uma coisa da moda. Uma pessoa que esteja levando a sério a compreensão da vida espiritual necessita de um *guru*. Um *guru* é uma questão de necessidade, pois temos de ser muito sérios para compreender a vida espiritual, Deus, a ação correta e nossa relação com Deus. Se queremos compreender esses assuntos com muita seriedade, precisamos de um *guru*. Não devemos nos dirigir a um *guru* só porque este *guru* é o *guru* da moda no momento. É preciso haver rendição, já que sem rendição não podemos aprender nada. Se nos dirigirmos a um *guru* apenas para desafiá-lo, não aprenderemos nada. Mas temos de aceitar o *guru* assim como Arjuna aceitou o seu *guru*, o próprio Śrī Kṛṣṇa: “Agora estou confuso com relação a minha obrigação e perdi toda a compostura por causa da fraqueza. Nesta condição peço-Vos que me digas claramente o que é melhor para mim. Agora sou Vosso discípulo e uma alma rendida a Vós. Por favor, instruí-me” (Bg. 2.7).

Este é o processo mediante o qual aceitamos um *guru*. O *guru* é o representante de Kṛṣṇa, o representante dos *ācāryas* anteriores. Kṛṣṇa diz que todos os *ācāryas* são Seus representantes; por isso, deve-se oferecer ao *guru* o mesmo respeito que se oferece a Deus. Como diz Viśvanātha Cakravartī Ṭhākura em suas orações ao mestre espiritual: *yasya prasādād bhagavat-prasādaḥ*. “Pela misericórdia do mestre espiritual, recebemos a bênção de Kṛṣṇa”. Assim, se nos entregamos ao *guru* autêntico, nos entregamos a Deus. Deus aceita nossa rendição ao *guru*. No *Bhagavad-gītā* (18.66), Kṛṣṇa instrui: “Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Hei de salvar-te de toda reação pecaminosa. Não temas”. Pode ser que alguém argumente: “Mostre-me Kṛṣṇa que eu me renderei a Ele”. Mas não é assim; o processo é que primeiro nos rendemos ao representante de Kṛṣṇa, para então nos rendermos a Kṛṣṇa. Por isso se diz: *sākṣād-dharitvena samasta-śāstraiḥ*: o *guru* é como Deus. Quando oferecemos respeitos ao *guru*, estamos oferecendo respeitos a Deus. Como estamos tentando ser conscientes de Deus, é necessário que aprendamos a como oferecer respeitos a Deus através do representante de Deus. Em todos os *śāstras* se descreve que o *guru* é como Deus, mas o *guru* jamais diz: “Eu sou Deus”. O discípulo tem a obrigação de oferecer respeitos ao *guru* da mesma forma que oferece respeitos a Deus, mas o *guru* jamais pensa: “Os meus discípulos estão me oferecendo o mesmo respeito que oferecem a Deus; portanto, tornei-me Deus”. Logo que pensa assim, ele se torna um cachorro em vez de Deus. Por isso, Viśvanātha Cakravartī Ṭhākura diz: *kintu prabhor yaḥ priya eva tasya*. Como o *guru* é o servo mais confidencial de Deus, oferece-se-lhe o mesmo respeito que se oferece a Deus. Deus é sempre Deus, e o *guru* é sempre o *guru*. Por uma questão de etiqueta. Deus é o Deus adorável, e o *guru* é o Deus adorador (*sevaka-bhagavān*). Por isso, o *guru* é chamado de *prabhupāda*. A palavra *prabhu* quer dizer “senhor”, e *pāda* quer dizer “posição”. Assim, *prabhupāda* quer dizer: “aquele que aceita a posição do Senhor”. Isto é o mesmo que *sākṣād-dharitvena samasta-śāstraiḥ*.

Mas só precisamos de um *guru* se levarmos muito a sério a vontade de compreender a ciência de Deus. Não devemos tentar manter um *guru* por uma questão de moda. Uma pessoa que tenha aceitado um *guru* fala com inteligência. Ela jamais fala disparates. Este é o sinal que distingue uma pessoa que aceitou um *guru* autêntico. Por certo que devemos oferecer todos respeitos ao mestre espiritual, mas devemos também nos lembrar de como levar a cabo as suas ordens. No *Bhagavad-gītā* (4.34) o próprio Śrī Kṛṣṇa nos diz qual é o método de buscar o *guru* e aproximar-se dele: “Procura aprender a verdade aproximando-te de um mestre espiritual. Indaga dele submissamente e presta-lhe serviço. A alma auto-realizada poderá transmitir-te conhecimento porque vê a verdade.” O primeiro processo é o processo da rendição. Temos que encontrar uma pessoa elevada e nos render voluntariamente a essa pessoa. Os *śāstras* mandam que, antes que aceitemos um *guru*, o examinemos cuidadosamente para ver se podemos nos render a ele. Não devemos aceitar um *guru* de repente, por fanatismo. Isso é muito perigoso. O *guru* também deve examinar a pessoa que quer tornar-se seu discípulo para ver se esta pessoa é idônea. É assim que se estabelece a

relação entre o *guru* e o discípulo. Tudo é providenciado. Mas devemos aceitar o processo com seriedade. Depois disso podemos ser treinados de modo a nos tornar discípulos autênticos. Em primeiro lugar, temos de encontrar um *guru* autêntico, estabelecer nossa relação com ele e proceder adequadamente. Então, alcançaremos o êxito em nossa vida, pois o *guru* pode iluminar o discípulo sincero que está na escuridão.

Todos nascem patifes e tolos. Se nascêssemos eruditos, por que precisaríamos ir à escola? Se não cultivamos conhecimento, não passamos de animais. Um animal pode dizer que não necessita de livros e que se tornou um *guru*, mas como pode alguém obter conhecimento sem estudar os livros autorizados sobre ciência e filosofia? Os *gurus* patifes tentam evitar estas coisas. Temos de compreender que todos nós nascemos patifes e tolos e que temos de ser esclarecidos. Temos de receber conhecimento para aperfeiçoar nossas vidas. Se não aperfeiçoarmos nossas vidas, malograremos. Qual é este malogro? A luta pela vida. Estamos tentando conseguir uma vida melhor, alcançar uma posição superior, e para isto lutamos duramente. Porém, não sabemos o que é realmente uma posição superior.

Teremos de abandonar qualquer posição que obtenhamos neste mundo material. Pode ser que obtenhamos uma boa posição ou uma posição ruim; de qualquer modo, não podemos permanecer aqui. Pode ser que ganhemos milhões em dinheiro e pensemos: “Agora tenho uma boa posição”, mas uma pequena disenteria ou cólera-morbo acabará com a nossa posição. Se o banco vai à falência, nossa posição vai por água abaixo. Assim, na realidade não há posição boa neste mundo material. É tudo uma farsa. Aqueles que tentam alcançar uma posição melhor no mundo material são por fim derrotados porque não existe posição melhor. O *Bhagavad-gītā* (14.26) diz qual é a posição melhor: “Aquele que se dedica completamente ao serviço devocional, que não cai em nenhuma circunstância, transcende de imediato os modos da natureza material e deste modo chega ao nível de Brahman”.

Há alguma ciência que nos dê o conhecimento pelo qual possamos nos tornar imortais? Sim, podemos nos tornar imortais, mas não no sentido material. Este conhecimento não pode ser recebido em pseudo-universidades. Entretanto, as escrituras védicas contêm um conhecimento através do qual podemos nos tornar imortais. Essa imortalidade é a nossa melhor posição. Não ter mais de nascer, não ter mais de morrer, não ter mais de envelhecer, não ter mais de adoecer. De modo que o *guru* aceita uma responsabilidade muito grande. Ele deve orientar seu discípulo e capacitá-lo a tornar-se um candidato elegível para a posição perfeita: a imortalidade. O *guru* tem de ter a competência para conduzir seu discípulo de volta a casa, de volta ao Supremo. Muito obrigado.

Separando os santos dos vigaristas

Todos os dias aumenta aos milhares o número de pessoas interessadas em praticar yoga e meditação. Infelizmente, uma pessoa que esteja buscando um guia adequado provavelmente encontrará um cortejo desorientador de gurus mágicos e de estilo próprio, e de deuses autoproclamados. Em uma entrevista com o London Times, Śrīla Prabhupāda explica como um buscador sincero pode saber a diferença entre um farsante e um guia espiritual genuíno.

Repórter: Sua Graça, parece que, mais do que nunca, as pessoas estão buscando algum tipo de vida espiritual. Gostaria de saber se o senhor poderia explicar por quê.

Śrīla Prabhupāda: O desejo de vida espiritual é um anseio absolutamente natural. Por sermos almas espirituais, não podemos ser felizes na atmosfera material. Se você tira um peixe da água, ele não pode ser feliz em terra. Analogamente, se não temos consciência espiritual, não podemos ser felizes. Hoje em dia, muitas pessoas andam atrás de avanço e desenvolvimento econômico, mas elas não são felizes porque essas não são as verdadeiras metas da vida. Muitos jovens estão compreendendo isso, e estão rejeitando a vida materialista e tentando buscar a vida espiritual. Na verdade, essa é a busca correta. A consciência de Kṛṣṇa é a meta correta de vida. A menos que você adote a consciência de Kṛṣṇa, não poderá ser feliz. Isso é um fato. Por isso, convidamos todos ao estudo e entendimento deste grande movimento.

Repórter: O que francamente me preocupa é que desde a chegada na Inglaterra, algum tempo atrás, de um *yogi* indiano, que foi o primeiro *guru* de que se teve notícia, começaram a aparecer de repente muitos *gurus* do nada. Às vezes, tenho o sentimento que nem todos eles são tão genuínos como deveriam ser. Seria correto advertir as pessoas que estão pensando em aceitar a vida espiritual que elas tomassem as precauções para encontrar um *guru* genuíno a fim de ensiná-las?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Evidentemente, buscar um *guru* é muito bom, mas se você quiser um *guru* barato, ou se quiser ser enganado, então encontrará muitos *gurus* enganadores. Porém, se você for sincero, encontrará um *guru* sincero. Porque as pessoas querem tudo muito barato, elas são enganadas. Nós pedimos a nossos estudantes que se abstenham do sexo ilícito, do comer de carne, dos jogos e da intoxicação. As pessoas acham que isso é muito difícil. Mas se outra pessoa diz: Faça qualquer disparate que você quiser e simplesmente use esse *mantra*, então as pessoas vão gostar dela. O fato é que as pessoas querem ser enganadas, e para tanto os enganadores aparecem. Ninguém quer submeter-se a nenhuma austeridade. Conseqüentemente, vem os enganadores e dizem: “Nada de austeridade. Faça o que quiser. Simplesmente pague-me que eu lhe darei um *mantra* e você se tornará Deus dentro de seis meses.” É isso o que está acontecendo. Se você quiser ser enganado assim, os enganadores virão.

Repórter: O que o senhor diz da pessoa que, seriamente, quer encontrar a vida espiritual, mas que acaba aceitando o *guru* errado?

Śrīla Prabhupāda: Se você apenas quer uma educação comum, você devotará apenas o tempo, o esforço e o

entendimento para isso. De modo semelhante, se você vai aceitar a vida espiritual, você tem de levar a coisa a sério. Como é possível que simplesmente através de alguns *mantras* maravilhosos alguém possa se tornar Deus dentro de seis meses? Por que as pessoas querem algo assim? Isso significa que elas querem ser enganadas.

Repórter: Como pode uma pessoa saber que tem um *guru* genuíno?

Śrīla Prabhupāda: Algum de meus estudantes pode responder a essa pergunta?

Discípulo: Eu me lembro que uma vez John Lennon perguntou ao senhor: “Como saberei quem é o *guru* genuíno?” E o senhor respondeu: “Simplesmente encontre aquele que é mais dedicado a Kṛṣṇa. Este é genuíno”.

Śrīla Prabhupāda: Sim. O *guru* é representante de Deus, e ele fala sobre Deus, e nada mais. O *guru* genuíno é aquele que não tem nenhum interesse na vida materialista. Ele quer Deus, e somente Deus. Este é um dos testes de um *guru* genuíno: *brahma-niṣṭham*. Ele está absorto na Verdade Absoluta. No *Muṇḍaka Upaniṣad* se afirma: *śrotṛiyam brahma-niṣṭham*: “O *guru* genuíno é bem versado nas escrituras e no conhecimento védico, e é completamente dependente de Brahman”. Ele deve saber o que é Brahman [espírito] e como situar-se em Brahman. Esses sinais são dados na literatura védica. Como eu disse antes, o verdadeiro *guru* é representante de Deus. Ele representa o Senhor Supremo, assim como o vice-rei representa o rei. O *guru* verdadeiro não inventará nada. Tudo que ele diz está de acordo com as escrituras e os *ācāryas* anteriores. Ele não vai lhe dar um *mantra* e dizer que você vai se tornar Deus dentro de seis meses. Essa não é a missão do *guru*. A missão do *guru* é convencer a todos a se tornarem devotos de Deus. Essa é a essência da missão do *guru* verdadeiro. De fato, ele não tem outra coisa a fazer. À quem quer que ele veja, ele diz: “Por favor, torne-se consciente de Deus”. Se de alguma forma ele fala em nome de Deus, tentando fazer com que todos se tornem devotos de Deus, ele é um *guru* genuíno.

Repórter: E o que o senhor me diz do sacerdote cristão?

Śrīla Prabhupāda: Cristão, maometano, hindu — não importa. Se ele simplesmente fala em nome de Deus, ele um *guru*. O Senhor Jesus Cristo, por exemplo. Ele doutrinava o povo, dizendo: “Tentem amar a Deus”. Qualquer um — não importa quem — seja ele hindu, muçulmano ou cristão, é um *guru* se convence as pessoas a amar a Deus. Esse é o teste. O *guru* nunca diz: “Eu sou Deus”, ou “Eu vou transformá-lo em Deus”. O *guru* verdadeiro diz: “Eu sou um servo de Deus e vou transformá-lo em servo de Deus também”. Não importa como o *guru* esteja vestido. Como Caitanya Mahāprabhu dizia: “Quem quer que possa transmitir conhecimento sobre Kṛṣṇa é um mestre espiritual”. O mestre espiritual genuíno simplesmente tenta fazer com que as pessoas se tornem devotos de Kṛṣṇa, ou Deus. Ele não tem outra coisa a fazer.

Repórter: Mas os *gurus* ruins...

Śrīla Prabhupāda: E que é um *guru* “ruim”?

Repórter: O *guru* ruim só quer dinheiro e fama.

Śrīla Prabhupāda: Bem, se ele é ruim, como pode se tornar um *guru*? [Ri] Como pode o ferro tornar-se ouro? Na verdade, o *guru* não pode ser ruim, pois se alguém é ruim, não pode ser *guru*. Você não pode dizer “*guru* ruim”. Isso é uma contradição. O que você pode fazer é simplesmente tentar entender o que é um *guru* genuíno. A definição de *guru* genuíno é que ele só fala de Deus — isso é tudo. Se ele fica falando quaisquer disparates, então ele não é um *guru*. Um *guru* não pode ser ruim. Não é possível haver um *guru* ruim, assim como não pode haver um *guru* vermelho ou um *guru* branco. *Guru* significa “*guru* genuíno”. Tudo o que precisamos saber é que o *guru* genuíno só fala de Deus e tenta fazer com que as pessoas se tornem devotos de Deus. Se ele faz isso, ele é genuíno.

Repórter: Se eu quisesse ser iniciado em sua sociedade, que precisaria fazer?

Śrīla Prabhupāda: Primeiramente, você teria de abandonar a vida sexual ilícita.

Repórter: Isso inclui todo tipo de vida sexual? O que é sexo ilícito?

Śrīla Prabhupāda: Sexo ilícito é sexo feito fora do matrimônio. Os animais fazem sexo sem restrições, mas na sociedade humana há restrições. Em todos os países e em todas as religiões, há alguma espécie de restrição da vida sexual. Você também teria de abandonar todos os intoxicantes, incluindo chá, cigarros, álcool, maconha — qualquer coisa que intoxique.

Repórter: Mais alguma coisa?

Śrīla Prabhupāda: Você teria também de deixar de comer carne, ovos e peixes. E teria que deixar de jogar. A menos que você deixasse essas quatro atividades pecaminosas, não poderia ser iniciado.

Repórter: Quantos seguidores o senhor tem em todo o mundo?

Śrīla Prabhupāda: Para algo genuíno, não pode haver muitos seguidores. Para algo imundo, pode haver muitos seguidores. Mesmo assim, temos cerca de cinco mil discípulos iniciados.

Repórter: O movimento da consciência de Kṛṣṇa está crescendo constantemente?

Śrīla Prabhupāda: Sim, está crescendo — mas devagar. Isto porque impomos muitas restrições. As pessoas não gostam de restrições.

Repórter: Onde o senhor tem mais seguidores?

Śrīla Prabhupāda: Nos Estados Unidos, na Europa, na América do Sul e na Austrália. E, evidentemente, na Índia há milhões de pessoas que praticam a consciência de Kṛṣṇa.

Repórter: O senhor poderia me falar sobre a meta de seu movimento?

Śrīla Prabhupāda: O objetivo deste movimento para a consciência de Kṛṣṇa é despertar a consciência original do homem. No momento atual, nossa consciência está sob designações. Há quem pense: “eu sou inglês”, e há quem pense: “eu sou americano”. Na verdade, não pertencemos a nenhuma dessas designações. Somos todos partes integrantes de Deus; essa é a nossa verdadeira identidade. Se todos chegassem a essa consciência, todos os problemas do mundo seriam resolvidos. Então chegaríamos a saber que somos unos, na mesma qualidade de alma

Ciência da Auto-Realização - Escolhendo um Mestre Espiritual

espiritual. A mesma qualidade de alma espiritual está dentro de todos, embora possa estar revestida de formas diferentes. Essa é a explicação dada no *Bhagavad-gītā*.

Na verdade, a consciência de Kṛṣṇa é um processo purificador (*sarvopādhi-vinirmuktam*). Seu propósito é libertar as pessoas de todas as designações (*tatparatvena nirmalam*). Quando nossa consciência se purifica de todas as designações, as atividades que executamos com nossos sentidos purificados fazem-nos perfeitos. Eventualmente, chegamos à perfeição ideal da vida humana. A consciência de Kṛṣṇa também é um processo muito simples. Não é necessário tornar-se um grande filósofo, cientista ou o que quer que seja. Precisamos apenas cantar o santo nome do Senhor, entender que Sua personalidade, Seu nome e Suas qualidades são todos absolutos.

Consciência de Kṛṣṇa é uma grande ciência. Infelizmente, nas universidades não há um departamento para essa ciência. Por isso, convidamos todos os homens sérios que estejam interessados no bem-estar da sociedade humana a entenderem este grande movimento e, se possível, participarem dele e cooperarem conosco. Os problemas do mundo serão resolvidos. Este também é o veredicto do *Bhagavad-gītā*, o mais importante e autorizado livro de conhecimento espiritual. Muitos de vocês já ouviram falar do *Bhagavad-gītā*. Nosso movimento baseia-se nesse livro. Nosso movimento é aprovado por todos os grandes *ācāryas* da Índia. Rāmānujācārya, Madhvācārya, o Senhor Caitanya, e tantos outros. Todos vocês são representantes de jornais; por isso, peço-lhes que tentem compreender este movimento na medida do possível para o bem de toda a sociedade humana.

Repórter: O senhor acha que o seu movimento é o único caminho para conhecer a Deus?

Śrīla Prabhupāda: Sim.

Repórter: O que lhe dá esta certeza?

Śrīla Prabhupāda: As autoridades e Deus, Kṛṣṇa. Kṛṣṇa diz: “Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Hei de te libertar de todas as reações pecaminosas. Não temas”. [*Bhagavad-gītā* 18.66]

Repórter: “Render-se” significa que alguém teria de deixar sua família?

Śrīla Prabhupāda: Não.

Repórter: Mas suponha que eu estivesse para ser iniciado. Eu não teria de vir viver no templo?

Śrīla Prabhupāda: Não necessariamente.

Repórter: Eu poderia permanecer em casa?

Śrīla Prabhupāda: Sim, claro.

Repórter: E o trabalho? Eu teria de abandonar o emprego?

Śrīla Prabhupāda: Não, você simplesmente teria de abandonar seus maus hábitos e cantar o *mantra* Hare Kṛṣṇa com essas contas — isso é tudo.

Repórter: Eu precisaria dar algum apoio financeiro?

Śrīla Prabhupāda: Não, isso é algo voluntário. Se você der, será bom. Se você não der, não fará mal. Não dependemos da contribuição financeira de ninguém. Dependemos de Kṛṣṇa.

Repórter: Eu não precisaria dar nenhum tostão?

Śrīla Prabhupāda: Não.

Repórter: É essa uma das coisas principais que distingue o *guru* do *guru* farsante?

Śrīla Prabhupāda: Sim, o *guru* genuíno não é um homem de negócios. Ele é um representante de Deus. Tudo o que Deus diz, o *guru* repete. Ele não fala de outra maneira.

Repórter: Mas o senhor esperaria encontrar um *guru* verdadeiro, digamos, viajando de Rolls Royce e hospedando-se numa suíte em hotel de primeira classe?

Śrīla Prabhupāda: Às vezes as pessoas nos oferecem um cômodo em um hotel de primeira classe, mas geralmente nós ficamos em nossos próprios templos. Temos mais de cem templos em todo o mundo, de modo que não precisamos ir para nenhum hotel.

Repórter: Eu não estava tentando fazer acusações. Estava apenas tentando ilustrar que julgo sua advertência válida. Há muitas pessoas interessadas em encontrar uma vida espiritual, e, ao mesmo tempo, há um punhado de pessoas interessadas em aproveitar-se do “negócio de *guru*”

Śrīla Prabhupāda: Você é de opinião que vida espiritual significa aceitar voluntariamente a pobreza?

Repórter: Bem, eu não sei.

Śrīla Prabhupāda: Um homem na miséria pode ser um materialista, e um homem abastado pode ser muito espiritual. Vida espiritual não depende nem de pobreza, nem de riqueza. Vida espiritual é algo transcendental. Considere Arjuna, por exemplo. Arjuna era membro de uma família real, todavia era um devoto puro de Deus. E no *Bhagavad-gītā* [4.2] Śrī Kṛṣṇa diz: *evam paramparā-prāptam imām rājarṣayo viduḥ*: “Esta ciência suprema foi recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos entenderam-na dessa maneira”. No passado, todos os reis que eram santos entenderam a ciência espiritual. Portanto, a vida espiritual não depende de nossa condição material. Qualquer que seja a condição material de uma pessoa — seja ela um rei ou um pobretão — ela pode ainda assim entender a vida espiritual. Geralmente as pessoas não sabem o que é vida espiritual, e por isso elas desnecessariamente nos criticam. Se eu lhe perguntasse o que é vida espiritual, como você responderia?

Repórter: Bem, não estou bem certo.

Śrīla Prabhupāda: Embora você não saiba o que é vida espiritual, você ainda diz: “é assim, ou é assado”. Mas, primeiramente, você deve saber o que é vida espiritual. A vida espiritual começa quando você entende que não é seu corpo. Este é o verdadeiro começo da vida espiritual. Percebendo a diferença entre o seu eu e o seu corpo, você chega a entender o que é uma alma espiritual (*aham brahmāsmi*).

Repórter: O senhor acha que este conhecimento deveria fazer parte da educação de todos?

Śrīla Prabhupāda: Sim. Primeiramente, as pessoas devem aprender o que elas são. Elas são os corpos, ou algo mais? Esse é o começo da educação. Atualmente todos são educados a pensar que são o corpo. Porque alguém acidentalmente obtém um corpo americano, ele pensa: “eu sou americano”. Isso é como pensar: “eu sou uma camisa vermelha”, só porque você está usando uma camisa vermelha. Você não é uma camisa vermelha; você é um ser humano. Analogamente, este corpo é como uma camisa ou um paletó sobre a pessoa verdadeira — a alma espiritual. Se nos reconhecemos simplesmente por nossa “camisa” ou “paletó” corpóreos, então não temos nenhuma educação espiritual.

Repórter: O senhor acha que essa educação deve ser dada em escolas?

Śrīla Prabhupāda: Sim — em escolas, faculdades e universidades. Há uma imensa literatura sobre este assunto — um imenso fundo de conhecimento. O que é realmente necessário é que os líderes da sociedade se prontifiquem a compreender este movimento.

Repórter: Alguma vez o senhor recebeu alguém que anteriormente tivesse se envolvido com um *guru* farsante?

Śrīla Prabhupāda: Sim, e muitos.

Repórter: As vidas espirituais deles foram de alguma forma estragadas pelos *gurus* farsantes?

Śrīla Prabhupāda: Não, eles estavam genuinamente buscando algo espiritual, e essa era sua qualificação. Deus está dentro do coração de todos, e tão logo alguém O busque genuinamente, Ele ajuda essa pessoa a encontrar um *guru* genuíno.

Repórter: Alguma vez os *gurus* verdadeiros como o senhor tentaram dar um fim aos *gurus* falsos — isto é, pressioná-los para tirá-los, por assim dizer, do negócio?

Śrīla Prabhupāda: Não, este não é o meu objetivo. Eu comecei este movimento simplesmente cantando Hare Kṛṣṇa. Em Nova Iorque, eu cantava em um local chamado Tompkins Square Park, e logo as pessoas começaram a vir a mim. Dessa maneira, o movimento da consciência de Kṛṣṇa gradualmente se desenvolveu. Muitos aceitaram e muitos não aceitaram. Os que são afortunados têm aceitado.

Repórter: Por acaso o senhor não sente que as pessoas são desconfiadas por causa da experiência que tiveram com *gurus* farsantes? Se o senhor fosse a um dentista charlatão e ele lhe quebrassem o dente, talvez o senhor tivesse dúvida quando quisesse ir a outro dentista.

Śrīla Prabhupāda: Sim. Naturalmente, se você foi enganado, você fica desconfiado. Mas isto não significa que se você foi enganado uma vez, vai ser enganado sempre. Você deve encontrar alguém que seja genuíno. Mas, para chegar à consciência de Kṛṣṇa, você tem de ser ou muito afortunado, ou bem versado nesta ciência. Do *Bhagavad-gītā* entendemos que os buscadores genuínos são pouquíssimos: *manuṣyānām sahasreṣu kaścīd yatati siddhaye*. Dentre muitos milhões de pessoas, talvez haja uma apenas que esteja interessada em vida espiritual. Geralmente, as pessoas estão interessadas em comer, dormir, acasalar-se e defender-se. Como, então, poderíamos esperar encontrar muitos seguidores? Não é difícil observar que as pessoas perderam seu interesse espiritual. E quase todos aqueles que estão realmente interessados estão sendo enganados por ditos espiritualistas. Você não pode julgar um movimento simplesmente pelo número de seus seguidores. Se um homem é genuíno, então o movimento é bem-sucedido. Não é uma questão de quantidade, mas de qualidade.

Repórter: Pergunto-me se o senhor teria idéia de quantas pessoas têm sido enganadas por *gurus* farsantes?

Śrīla Prabhupāda: Praticamente todos. [Ri.] Contar está fora de cogitação.

Repórter: Isso quer dizer milhares de pessoas, não é?

Śrīla Prabhupāda: Milhões. Milhões de pessoas têm sido enganadas, porque elas querem ser enganadas. Deus é onisciente. Ele pode entender seus desejos. Ele está dentro de seu coração, e se você quer ser enganado. Deus lhe envia um enganador.

Repórter: É possível que todos atinjam o estágio de perfeição de que o senhor falou anteriormente.?

Śrīla Prabhupāda: Dentro de um segundo. Qualquer um pode alcançar a perfeição dentro de um segundo — contanto que assim o deseje. A dificuldade é que ninguém está querendo. No *Bhagavad-gītā* [18.66] Kṛṣṇa diz: *sarva-dharmān parityajya mām ekaṁ śaraṇam vraja*: “Simplesmente rende-te a Mim”. Mas quem vai se render a Deus? Todos dizem: “Oh! Por que deveria eu render-me a Deus? Prefiro ser independente”. Se você simplesmente se rendesse, seria uma questão de segundos. Isso seria tudo. Mas ninguém quer isso, essa é a dificuldade.

Repórter: Quando o senhor diz que muitas pessoas querem ser enganadas, o senhor quer dizer que muitas pessoas querem continuar com seus prazeres mundanos e, ao mesmo tempo, cantando um *mantra* e segurando uma flor, atingir a vida espiritual? É isso que o senhor quer dizer com querer ser enganado?

Śrīla Prabhupāda: Sim, é como um paciente pensar: “Continuarei com minha doença e, ao mesmo tempo, tornar-me-ei saudável”. Isso é contraditório. O primeiro requisito é que recebamos educação de vida espiritual. Vida espiritual não é algo que possa ser entendido através de uma conversa de alguns minutos. Há muitos livros de filosofia e teologia, mas as pessoas não estão interessadas neles. Essa é a dificuldade. Por exemplo, o *Śrīmad-Bhāgavatam* é uma obra muito extensa. Se você tentar ler esse livro, talvez leve dias para entender uma única linha dele. O *Bhāgavatam* descreve Deus, a Verdade Absoluta, mas as pessoas não estão interessadas. E se, por acaso, alguém fica um pouco interessado em vida espiritual, ele quer algo imediato e barato. Portanto, ele é enganado. Na verdade, a vida humana é feita para austeridade e penitência. É assim que funciona a civilização védica. Nos tempos védicos, eles treinavam os meninos como *brahmacārīs*; não era permitida a vida sexual até os vinte e cinco anos de idade. Onde podemos encontrar esse tipo de educação atualmente? O *brahmacārī* é um estudante que vive uma vida de completo celibato e obedece às ordens de seu *guru* na *guru-kula* [escola do mestre espiritual]. Agora, as escolas e faculdades estão ensinando sexo desde o começo, e meninos e meninas de doze ou treze anos estão fazendo sexo.

Como poderão eles ter vida espiritual? Vida espiritual significa aceitar voluntariamente algumas austeridades para a realização de Deus. É por isso que insistimos para que nossos estudantes iniciados não façam sexo, não comam carne, não joguem, nem se intoxiquem. Sem essas restrições, qualquer “meditação de *yoga*” ou dita disciplina espiritual não pode ser genuína. Não passa de relação comercial entre os enganadores e os enganados.

Repórter: Muito obrigado.

Śrīla Prabhupāda: Hare Kṛṣṇa.

“Com toda humildade possível”

Em fevereiro de 1936, em Bombaim, Índia, os membros de uma reputada sociedade religiosa, a Gauḍīya Maṭha, ficaram espantados com as palavras poderosas e eloquentes de um jovem membro em honra a seu mestre espiritual, Śrīla Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī. Três décadas depois, aquele jovem orador viria a ser o mundialmente famoso fundador e mestre espiritual do movimento para consciência de Kṛṣṇa. A apresentação de Śrīla Prabhupāda é declaração memorável sobre a importância do guru na vida espiritual.

“Nas escrituras reveladas se declara que o mestre espiritual deve ser adorado como a Suprema Personalidade de Deus, e este preceito é obedecido pelos devotos puros do Senhor. O mestre espiritual é o servo mais confidencial do Senhor. Desse modo, ofereçamos nossas respeitadas reverências aos pés de lótus de nosso mestre espiritual”.

Cavalheiros, em nome dos membros da sede em Bombaim da Gauḍīya Maṭha permitam-me dar-lhes nossas boas-vindas, porque juntaram-se a nós tão amavelmente na noite em que oferecemos congregacionalmente nossa homenagem aos pés de lótus do mestre mundial, Ācāryadeva, que é o fundador dessa Missão Gauḍīya e é o presidente-ācārya de Śrī Śrī Viśva-vaiṣṇava Rājasabhā — refiro-me a meu eterno mestre divino, Paramahaṁsa Parivrājakācārya Śrī Śrīmad Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī Mahārāja.

Há sessenta e dois anos, neste dia auspicioso, o Ācāryadeva fez seu aparecimento em resposta ao apelo de Ṭhākura Bhaktivinoda em Śrī-kṣetra Jagannātha-dhāma em Purī.

Cavalheiros, o oferecimento dessa homenagem tal como foi programado para essa noite ao Ācāryadeva não é um assunto sectário, pois quando falamos do princípio fundamental de *gurudeva*, ou *ācāryadeva*, estamos falando de algo que é de aplicação universal. Está totalmente fora de cogitação discriminar meu *guru* do seu ou do de qualquer um. Só há um *guru*, que aparece em uma infinidade de formas para ensinar aos senhores, a mim e a todos os demais.

O *guru*, ou *ācāryadeva*, como aprendemos com as escrituras fidedignas, transmite a mensagem do mundo absoluto, a morada transcendental da Personalidade Absoluta, onde tudo sem exceção serve à Verdade Absoluta. Temos ouvido tantas vezes: *mahājano yena gataḥ sa panthāḥ* (“Trilha o caminho pelo qual andou vosso *ācārya* anterior”), porém mal e mal temos tentado entender o real significado deste *śloka*. Se estudarmos minuciosamente esta proposição, entenderemos que o *mahājana* é um só, e o caminho real para o mundo transcendental também é um só. No *Muṇḍaka Upaniṣad* [1.2.12] se diz: “A fim de aprender a ciência transcendental, devemos aproximar-nos do mestre espiritual fidedigno em sucessão discipular, que está fixo na Verdade Absoluta”.

De forma que aqui se prescreve que, a fim de recebermos esse conhecimento transcendental, devemos aproximar-nos do *guru*. Portanto, se a Verdade Absoluta é uma só, sobre o que julgamos não haver divergência de opinião, o *guru* também não pode ser dois. O Ācāryadeva em cuja honra nos reunimos hoje à noite a fim de oferecer nossas humildes homenagens não é o *guru* de uma instituição sectária ou um dos muitos diferentes expoentes da verdade. Pelo contrário, ele é o *Jagad-guru*, ou o *guru* de todos nós; a única diferença é que alguns lhe obedecem sinceramente, ao passo que outros não lhe obedecem diretamente.

No *Śrīmad-Bhāgavatam* [11.17.27] se diz: “Deve-se entender que o mestre espiritual é tão bom como Eu, disse o Bem-aventurado Senhor. Ninguém deve ter inveja do mestre espiritual ou pensar que ele é um homem comum, porque o mestre espiritual é o somatório de todos os semideuses”. Isto é, o *ācārya* é identificado com o próprio Deus. Ele nada tem a ver com os afazeres deste mundo mortal. Ele não desce aqui para imiscuir-se em assuntos de necessidades temporárias, mas para salvar as almas condicionadas caídas — as almas, ou entidades, que vieram ao mundo material com o interesse de desfrutar através da mente e dos cinco órgãos de percepção dos sentidos. Ele aparece ante nós para revelar a luz dos *Vedas* e outorgar-nos as bênçãos da liberdade completa, pela qual devemos ansiar a cada passo da jornada de nossa vida.

O conhecimento transcendental dos *Vedas* foi primeiramente comunicado por Deus a Brahmā, o criador deste universo particular. De Brahmā o conhecimento desceu para Nārada, de Nārada para Vyāsadeva, de Vyāsadeva para Madhva, e, neste processo de sucessão discipular, o conhecimento transcendental foi transmitido por um discípulo a outro até chegar ao Senhor Gaurāṅga, Śrī Kṛṣṇa Caitanya, que representou o papel de discípulo e sucessor de Śrī Īśvara Purī. O atual Ācāryadeva é o décimo representante discipular de Śrī Rūpa Gosvāmī, o representante original do Senhor Caitanya que pregou esta tradição transcendental em sua plenitude. O conhecimento que recebemos de nosso Gurudeva não é diferente daquele comunicado pelo próprio Deus e pela sucessão dos *ācāryas* na linha preceptoral de Brahmā. Adoramos este dia auspicioso como Śrī Vyāsa-pūjā-tithi, porque o *ācārya* é o representante vivo de Vyāsadeva, o divino compilador dos *Vedas*, *Purāṇas*, *Bhagavad-gītā*, *Mahābhārata* e *Śrīmad-Bhāgavatam*.

Aquele que interpreta o som divino, ou *śabda-brahma*, através de sua imperfeita percepção dos sentidos não pode ser um *guru* verdadeiro, porque, na ausência do devido treinamento disciplinar sob o *ācārya* fidedigno, o intérprete certamente diverge de Vyāsadeva (como acontece com os Māyāvādīs). Śrīla Vyāsadeva é a autoridade primordial da

Ciência da Auto-Realização - Escolhendo um Mestre Espiritual

revelação védica, e por isso tal intérprete irrelevante não pode ser aceito como o *guru*, ou *ācārya*, por mais equipado que esteja com todas as aquisições de conhecimento material. Como se diz no *Padma Purāna*: “A menos que sejas iniciado por um mestre espiritual fidedigno na sucessão discipular, o *mantra* que tiveres recebido não terá nenhum efeito”.

Por outro lado, aquele que recebeu o conhecimento transcendental através da recepção auditiva de um mestre fidedigno na corrente discipular, e que tem consideração sincera pelo verdadeiro *ācārya*, deve necessariamente ser iluminado com o conhecimento revelado dos *Vedas*. Mas, este conhecimento é permanentemente vedado para a abordagem cognitiva dos empíricos. Como se diz no *Svetāśvatara Upaniṣad* [6.23]: “Apenas àquelas grandes almas que simultaneamente têm fé implícita tanto no Senhor quanto no mestre espiritual é que todos os significados do conhecimento védico são automaticamente revelados”.

Cavalheiros, nosso conhecimento é tão pobre, nossos sentidos são tão imperfeitos e nossas fontes são tão limitadas que não é possível termos um pouco sequer de conhecimento da região absoluta sem nos rendermos aos pés de lótus de Śrī Vyāsadeva ou seu representante fidedigno. A cada momento estamos sendo enganados pelo conhecimento de nossa percepção direta. Tudo não passa de criação ou invenção da mente, que é sempre enganadora, mutante e oscilante. Nada podemos conhecer a respeito da região transcendental através de nosso método limitado e pervertido de observação e experimentação. Mas todos nós podemos ouvir com ávida atenção o som transcendental transmitido daquela região para esta através do meio inadulterado de Śrī Gurudeva ou Śrī Vyāsadeva. Portanto, cavalheiros, devemos nos render hoje aos pés do representante de Śrī Vyāsadeva para eliminarmos todas as nossas divergências geradas por nossa atitude insubmissa. Dessa maneira, está dito no *Śrī Gītā* [4.34]: “Aproxima-te apenas do sábio e fidedigno mestre espiritual. Primeiramente rende-te a ele e tenta entendê-lo através de indagações e serviço. Esse sábio mestre espiritual iluminar-te-á com conhecimento transcendental, pois ele já conhece a Verdade Absoluta”.

Para recebermos conhecimento transcendental, devemos nos render completamente ao verdadeiro *ācārya* em espírito de indagação e serviço ardentes. Real execução de serviço ao Absoluto sob a orientação do *ācārya* é o único veículo pelo qual podemos assimilar o conhecimento transcendental. O encontro de hoje para oferecermos nossos humildes serviços e homenagens aos pés do Ācāryadeva, possibilitará que sejamos agraciados com a capacidade de assimilar o conhecimento transcendental tão bondosamente transmitido por ele a todas as pessoas, sem distinção.

Cavalheiros, somos todos mais ou menos orgulhosos de nossa antiga civilização indiana, mas, de fato, não conhecemos a verdadeira natureza dessa civilização. Não podemos ter orgulho de nossa civilização material passada, que agora está milhares de vezes mais avançada que em tempos anteriores. Diz-se que estamos atravessando a era da escuridão, a Kali-yuga. Que é essa escuridão? A escuridão não pode ser devida ao atraso em conhecimento material, porque atualmente temo-lo em maior grau do que antigamente. Se nós mesmos não temos, pelo menos nossos vizinhos o têm em bastante quantidade. Portanto, devemos concluir que a escuridão da atual era não é devida à falta de avanço material, mas sim ao fato de que perdemos a base de nosso avanço espiritual, que é a necessidade primordial da vida humana e o critério para o tipo — mais elevado de civilização humana. Atirar bombas de aviões não significa que a civilização avançou desde a primitiva e incivilizada prática de jogar grandes pedras sobre as cabeças dos inimigos dos topos das montanhas. Com certeza, o aprimoramento da arte de matar nossos vizinhos por meio de metralhadoras e gases venenosos não indica avanço sobre o barbarismo primitivo, que se orgulhava de sua arte de matar com arcos e flechas. Tampouco o desenvolvimento de um sentido de abundante egoísmo mostra ser algo superior a mero animalismo intelectual. A verdadeira civilização humana é muito diferente de todos esses estados, e por isso no *Kaṭha Upaniṣad* [1.3.14] encontramos o enfático apelo: “Por favor, despertai e tentai entender a dádiva que agora tendes sob esta forma humana de vida. O caminho da realização espiritual é muito difícil, é afiado como o fio da navalha. Esta é a opinião de eruditos acadêmicos transcendentais”.

Assim, enquanto outros estavam ainda no ventre do esquecimento histórico, os sábios da Índia já haviam desenvolvido um tipo diferente de civilização, que capacitou-os a se conhecerem a eles mesmos. Eles haviam descoberto que não são absolutamente entidades materiais, mas que são, isso sim, servos espirituais, permanentes e indestrutíveis do Absoluto. Mas, por termos escolhido, em desabono de melhor julgamento, identificar-nos completamente com esta existência material, nossos sofrimentos têm se multiplicado de acordo com a inexorável lei de nascimento e morte, com suas consequentes doenças e ansiedades. Esses sofrimentos não poderão ser realmente mitigados por nenhum acúmulo de felicidade material, porque matéria e espírito são elementos completamente diferentes. É como se alguém tirasse um animal aquático da água e o pusesse na terra, fornecendo-lhe toda a espécie de felicidade possível em terra. Os terríveis sofrimentos do animal não poderão ser aliviados a não ser que ele seja tirado do ambiente estranho a ele. Espírito e matéria são coisas completamente contraditórias. Todos nós somos entidades espirituais. Não poderemos ter felicidade perfeita, que é o nosso direito natural, por mais que nos imiscuamos nos assuntos de coisas mundanas. Só obteremos felicidade perfeita quando formos restabelecidos em nosso estado natural de existência espiritual. Essa é a mensagem distintiva de nossa antiga civilização indiana, essa é a mensagem do *Gītā*, essa é a mensagem dos *Vedas* e dos *Purānas*, e essa é a mensagem de todos os verdadeiros *ācāryas*, inclusive de nosso atual Ācāryadeva, na linha do Senhor Caitanya.

Cavalheiros, embora de modo tão imperfeito fomos capacitados pela graça dele a compreender as sublimes mensagens de nosso Ācāryadeva, Om̐ Viṣṇupāda Paramahaṁsa Parivrājakācārya Śrī Śrīmad Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī Mahārāja, devemos, contudo, admitir termos compreendido definitivamente que a mensagem divina de seus lábios de lótus é coisa inata para a humanidade sofredora. Todos nós deveríamos ouvi-lo pacientemente. Se ouvirmos o som transcendental sem descabida oposição, certamente a misericórdia cairá sobre nós. A mensagem do Ācāryadeva para levar-nos de volta a nosso lar original, de volta a Deus. Repito, portanto, que deveríamos ouvi-lo pacientemente,

seguí-lo na medida de nossa convicção e prostrar-nos a seus pés de lótus para nos livrarmos de nossa atual e imotivada falta de vontade de servir ao Absoluto e a todas as almas.

Do *Gītā* aprendemos que mesmo após a destruição do corpo, a *ātmā*, ou a alma, não é destruída; ela é sempre a mesma, sempre nova e viçosa. O fogo não pode queimá-la, a água não pode dissolvê-la, o ar não pode secá-la e a espada não pode matá-la. Ela é duradoura e eterna, e isso também é confirmado no *Śrīmad-Bhāgavatam* [10.84.13]: “Qualquer um que aceite esta bolsa corpórea de três elementos [bílis, muco e ar] como sendo o seu eu, que tenha afinidade por um relacionamento íntimo com sua esposa e filhos, que considere sua terra adorável, que tome banho nas águas dos locais sagrados de peregrinação mas nunca tira proveito daquelas pessoas que têm conhecimento verdadeiro — não passa de um asno ou uma vaca”.

Infelizmente, nos dias que correm, todos nós nos convertemos em tolos por termos negligenciado nosso verdadeiro conforto e identificado a gaiola material conosco mesmos. Temos concentrado todas as nossas energias na manutenção secundária da gaiola material em benefício da própria gaiola, negligenciando completamente a alma, cativa nesta gaiola. A gaiola destina-se à destruição do pássaro; o pássaro não se destina ao bem-estar da gaiola. Meditemos, portanto, profundamente sobre isso. Todas as nossas atividades estão agora voltadas para a manutenção da gaiola, e o máximo que fazemos é tentar dar algum alimento à mente através da arte e da literatura. Mas não sabemos que esta mente também é material sob aparência mais sutil. Isso é declarado no *Gītā* [7.4]: “Terra, fogo, água, ar, céu, inteligência, mente e ego são todos Minhas energias separadas”.

Mal temos tentado dar alimento à alma, que é distinta do corpo e da mente; portanto, estamos todos cometendo suicídio no próprio sentido do termo. A mensagem do Ācāryadeva é para dar-nos um aviso que nos faça parar com tais atividades erradas. Prostremo-nos, portanto, a seus pés de lótus gratos pela imaculada misericórdia e bondade que ele nos outorgou.

Cavalheiros, não pensem um instante sequer que meu Gurudeva quer suspender completamente a civilização material — um feito impossível. Mas aprendamos com ele a arte de fazer o melhor uso de um mau negócio, e entendamos a importância desta vida humana, que é apta para o mais elevado desenvolvimento da consciência verdadeira. O melhor uso desta preciosa vida humana não deve ser negligenciado. Como se diz no *Śrīmad-Bhāgavatam* ([11.9.29]: “Esta forma humana de vida é obtida após muitos e muitos nascimentos, e, apesar de não ser permanente, pode oferecer os mais elevados benefícios. Por isso, um homem sóbrio e inteligente deve imediatamente tentar cumprir sua missão e alcançar o benefício máximo da vida antes que ocorra outra morte. Ele deve evitar o gozo dos sentidos, a que tem acesso em todas as circunstâncias.”

Não abusemos desta vida humana na vã busca de desfrute material, ou, em outras palavras, em troca de apenas comer, dormir, temer e ter atividades sensoriais. A mensagem do Ācāryadeva é transmitida pelas palavras de Śrī Rūpa Gosvāmī [*Bhakti-rasāmṛta-sindhu* 1.2.255-256]: “Diz-se que uma pessoa está situada totalmente na ordem de vida renunciada se ela vive de acordo com a consciência de Kṛṣṇa. Ela não deve ter apego ao gozo dos sentidos e deve aceitar apenas o que é necessário para a manutenção do corpo. Por outro lado, aquele que renuncia às coisas que poderiam ser usadas no serviço a Kṛṣṇa, com o pretexto de que tais coisas são materiais, não pratica renúncia completa”.

O significado desses *ślokas* só pode ser compreendido quando desenvolvemos completamente a parte racional de nossa vida, e não a parte animal. Sentados aos pés de lótus do Ācāryadeva, tentemos entender desta fonte transcendental de conhecimento o que nós somos, que é o universo, que é Deus e qual é o nosso relacionamento com Ele. A mensagem do Senhor Caitanya é a mensagem para as entidades vivas e a mensagem do mundo vivo. O Senhor Caitanya não se importou com a elevação deste mundo morto, que é adequadamente chamado *Martyaloka*, o mundo onde tudo está destinado a morrer. Ele apareceu perante nós há quatrocentos e cinquenta anos para nos falar algo do universo transcendental, onde tudo é permanente e tudo é para o serviço ao Absoluto. Porém, recentemente o Senhor Caitanya tem sido mal representado por algumas pessoas inescrupulosas, e a mais elevada filosofia do Senhor tem sido interpretada erradamente como sendo o culto do tipo mais baixo de sociedade. Temos a satisfação de anunciar hoje à noite que nosso Ācāryadeva, com sua bondade costumeira, salvou-nos desse tipo horrível de degradação, e por isso prostremo-nos a seus pés de lótus com toda a humildade.

Cavalheiros, tem sido uma das manias da sociedade culta (ou inculta) dos dias atuais atribuir à Personalidade de Deus aspectos meramente impessoais e estultificá-LO, afirmando que Ele não tem sentidos, nem forma, nem atividade, nem cabeça, nem pernas, nem prazer. Este tem sido também o prazer dos eruditos modernos devido a sua completa falta de apropriada orientação e verdadeira introspecção do reino espiritual. Todos esses empiristas pensam da mesma forma: todas as coisas desfrutáveis devem ser monopolizadas pela sociedade humana, ou apenas por uma classe particular, e o Deus impessoal deve ser um mero fornecedor de encomendas para suas façanhas caprichosas. Sentimo-nos felizes por termos sido livrados desta horrível espécie de doença pela misericórdia de Sua Divina Graça Paramahansa Parivrajakācārya Śrī Śrīmad Bhaktisiddhānta Sarasvatī Gosvāmī Mahārāja. É ele quem abre nossos olhos, nosso pai eterno, nosso preceptor eterno e nosso guia eterno. Prostremo-nos, portanto, a seus pés de lótus neste dia auspicioso.

Cavalheiros, embora sejamos como crianças ignorantes no conhecimento da Transcendência, mesmo assim Sua Divina Graça, meu Gurudeva, acendeu o pequeno fogo dentro de nós para dissipar a invencível escuridão do conhecimento empírico. Agora estamos tão fixos no lado seguro que nenhuma quantidade de argumentos filosóficos apresentados pelas escolas empíricas de pensamento poderá nos desviar um milímetro sequer da posição de nossa eterna dependência dos pés de lótus de Sua Divina Graça. Além disso, estamos preparados para desafiar os mais eruditos acadêmicos da escola Māyāvāda e provar que apenas a Personalidade de Deus e Suas atividades

Ciência da Auto-Realização - Escolhendo um Mestre Espiritual

transcendentais em Goloka constituem a sublime informação dos *Vedas*. Há indicações explícitas disso no *Chândogya Upaniṣad* [8.13.1]: “Para receber a misericórdia de Kṛṣṇa, eu me rendo a Sua energia (Rādhā), e para receber a misericórdia de Sua energia, eu me rendo a Kṛṣṇa”.

Também no *R̥g Veda* [1.2.22.20]: “Os pés de lótus do Senhor Viṣṇu são o objetivo supremo de todos os semideuses. Esses pés de lótus do Senhor são tão luminosos como o sol no céu”.

A verdade simples tão vividamente explicada no *Gītā*, que é a lição central dos *Vedas*, não é entendida, ou nem mesmo suspeitada, pelos mais poderosos eruditos das escolas empíricas. Aqui está o segredo de Śrī Vyāsa-pūjā. Quando meditamos nos passatempos transcendentais da Divindade Absoluta, temos orgulho de sentir que somos Seus servos eternos, e nos tornamos jubilantes e dançamos de alegria. Todas as glórias a meu mestre divino! pois foi ele que, por seu incessante fluxo de misericórdia, despertou dentro de nós tal movimento de existência eterna. Prostremo-nos a seus pés de lótus.

Cavaleiros, se ele não tivesse aparecido diante de nós para nos salvar da escravidão desta grosseira ilusão mundana, certamente teríamos permanecido desamparados por vidas e eras na escuridão do cativeiro. Se ele não tivesse aparecido diante de nós, não teríamos sido capazes de entender a verdade eterna do ensinamento sublime do Senhor Caitanya. Se ele não tivesse aparecido diante de nós, não poderíamos ter sido capazes de conhecer o significado do primeiro *śloka* do *Brahma-saṁhitā*: “Kṛṣṇa, que é conhecido como Govinda, é a Divindade Suprema. Ele tem um corpo eterno, bem-aventurado, espiritual. Ele é a origem de tudo. Ele não tem outra origem, e é a causa primordial de todas as causas”.

Pessoalmente, não tenho esperança de executar algum serviço direto nos vindouros milhões de nascimentos da jornada de minha vida, mas confio em que algum dia serei salvo deste atoleiro de ilusão do qual estou tão profundamente afundado atualmente. Por isso, deixai-me orar com toda a minha sinceridade aos pés de lótus de meu mestre divino para que me permita sofrer o quinhão a mim destinado devido a meus malfeitos passados, mas que eu possa guardar na memória que não passo de insignificante servo da Todo-poderosa Divindade Absoluta, compreendida através da firme misericórdia de meu mestre divino. Deixai-me, portanto, prostrar-me a seus pés de lótus com toda a humildade possível.